

BILZARD
ENTERTAINMENT

OVERWATCH 2

*CELEBRATE
PRIDE*



FUTURO PASSADO

UM CONTO DE MELISSA SCOTT

HISTÓRIA
MELISSA SCOTT

ILUSTRAÇÕES
GORLASSAR

EDITORIAL
CHLOE FRABONI

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
COREY PETERSCHMIDT

CONSULTORIA CRIATIVA
**JEFF CHAMBERLAIN, MIRANDA MOYER, NESSKAIN,
DION ROGERS, JOSHI ZHANG**

PRODUÇÃO
**BRIANNE MESSINA, CARLOS GARCIA RENTA,
TAKAYUKI SHIMBO, VALERIE STONE**



© 2025 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logotipo da Blizzard Entertainment são marcas registradas ou comerciais da Blizzard Entertainment, Inc. nos EUA e/ou em outros países.
Publicado por Blizzard Entertainment.

Esta história é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação dos autores ou artistas, usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é mera coincidência.

A Blizzard Entertainment não tem nenhum controle e não assume nenhuma responsabilidade por sites e conteúdos autorais ou de terceiros.

FUTURO PASSADO

Domingo pela manhã, e o prédio do laboratório Huntingdon estava praticamente vazio. Provavelmente por conta do time estadual ter levado a melhor em cima do St. Thomas na noite anterior, foi o que Jack Morrison pensou enquanto manobrava seu sedã surrado em uma vaga perto da entrada leste. Todos provavelmente estavam dormindo depois de ficarem acordados até tarde para comemorar, mas Jack novamente estava trabalhando no final de semana. Este estudo era um passo importante para a próxima promoção dele, e o material era interessante por si só. A tecnologia estava avançando rápido ultimamente, e no meio de todo o burburinho, existiam ferramentas que poderiam ajudar o esquadrão dele. Ao contrário dos artigos entusiasmados sobre o transporte por levitação magnética e robôs semiconscientes, que estavam longe de virar realidade, os avanços que ele estava estudando estavam acontecendo *agora*. Quanto mais ele aprendesse, mais as tropas dele estariam preparadas para qualquer ameaça que enfrentassem em seguida.

Jack entrou no laboratório de robótica doze e conectou o laptop na mesa de trabalho de costume. O título do projeto apareceu: *Integração de Drones Multipropósito e Elementos Humanos para Reconhecimento*. Ele então abriu a simulação. Ele ainda não tinha encontrado um bom substituto para elevar o moral da unidade, mas o resto estava indo bem. Ele mexeu nas condições iniciais,

tentando recriar o tiroteio que foi discutido na seção da semana anterior.

Alguma coisa explodiu na outra ponta do corredor.

Jack deu um salto e automaticamente começou a olhar ao redor procurando por algo que pudesse usar como arma. Uma segunda explosão veio em seguida, e ele pegou o extintor de incêndio da sala. Ele entrou de súbito no laboratório de química dez e viu o chão coberto com uma mistura de cacos de vidro, cerâmica e um líquido de cheiro azedo. Enquanto isso, alguns equipamentos soltavam fumaça e faíscas na bancada central. O extintor não era adequado para incêndios de origem elétrica, então Jack o deixou de lado, correu para a bancada e arrancou o plugue da tomada. No mesmo momento, um jovem com cabelos escuros apareceu com o próprio extintor de incêndio e atingiu o dispositivo com dois disparos certos, cobrindo tudo com um pó branco. Jack recuou bruscamente para sair do alcance, e o rapaz lançou um olhar como se pedisse desculpas.

“Desculpe! Você está bem?”

Jack assentiu. “E você?”

“Também.” O homem coloca o extintor de incêndio de lado e faz uma careta ao tocar o dispositivo destruído. “Obrigado por tirar da tomada.”

Jack estava começando a reconhecer o odor que o líquido exalava: o cheiro do pior bar que ele já entrou. “Isso é... cerveja?”

O homem abriu um sorriso irônico. “Bom, acho que *era*. Ou estava no processo de virar... E antes que você pergunte, sim, eu tenho autorização para isso. Sou professor assistente de Arqueologia Experimental 214; fazemos isso todo semestre. Só que dessa vez o Professor Theokopolos decidiu usar a receita que ele descobriu no Templo de Hathor, e eu queria testar o método que teria sido usado para preservá-la, segundo nossa hipótese. Aparentemente, um de nós estava errado.”

“*Aparentemente*”, disse Jack, olhando o laboratório ao redor. Vários recipientes grandes de vidro estavam em uma estante perto da parede mais distante, aparentemente intactos, mas outra tinha sido derrubada. Ela tinha potes de cerâmica e garrações de vidro, que quebraram quando caíram. O cheiro de cerveja ruim era indescritível. Outro pote de tamanho médio explodiu na bancada de trabalho. E foi isso que causou curto-circuito no dispositivo. O outro homem olhou triste para a bagunça, balançando a cabeça.

Com a crise resolvida, os olhos de Jack se voltaram para o homem que ele havia

resgatado. Ele tinha cabelos escuros, feições marcantes, ainda estava bronzeado mesmo no fim do inverno, e tinha músculos que não foram esculpidos em uma academia. Jack percebeu que estava encarando. *Não seja babaca.* “Eu posso ajudar a limpar. Se você quiser.”

“Eu não quero atrapalhar o seu trabalho”, disse o homem. “Meu nome é Vincent, aliás.”

“Jack.” Jack estendeu a mão automaticamente, e Vincent a apertou. “Estou rodando uma simulação no laboratório de robótica doze. Ela vai continuar sem mim.”

“Então, hã... é, eu aceito sim a sua ajuda.” Vincent olhou em volta. “Olha, é legal que uma dúvida foi respondida, que esse *não* é o jeito certo de fermentar essa cerveja, mas normalmente as coisas não precisam explodir pra isso.” Ele encontrou uma lixeira e começou a pegar cacos de vidro e de cerâmica, Jack fez o mesmo.

“Então, desculpe, *por que* você está fazendo cerveja?”, ele perguntou depois de um tempo. “Digo, se você tem uma receita, isso não é suficiente?”

“Quando dizemos ‘receita’ no mundo antigo, é normalmente mais uma anotação pra alguém que já sabe como fazer a coisa”, disse Vincent. “Acreditamos que essa seja uma receita especial, uma cerveja para casamentos, e tem alguns ingredientes que não reconhecemos totalmente.”

“Os egípcios da antiguidade serviam cerveja nos casamentos?” Jack perguntou, mais para fazer a conversa fluir.

Vincent assentiu, enquanto colocava mais pedaços na lixeira. “Bom, eles bebiam cerveja em qualquer lugar e com frequência. Quem trabalhava para a realeza tinha uma quota diária de cerca de um galão, grande parte produzida pelos templos. Mas essa anotação menciona um casamento real e sugere que ela poderia ser guardada por mais tempo que o normal. Só que o método que eu achei que eles usavam...” Ele ergueu o gargalo de um pequeno pote, com a tampa ainda colada com o que parecia ser piche. “Com certeza não é a resposta.”

“Mas por que fazer isso?” Jack perguntou. “Só pra sentir o gosto da história?”

“Porque a *maneira* que as pessoas faziam as coisas importa.” Vincent arrumou a postura, ficando sério de repente. “Ninguém se preocupou em documentar que era preciso água do mar para fazer concreto romano. Essa informação crucial foi passada oralmente e se perdeu quando o Império Romano caiu, mas é por isso que

VINCENT RIU, COMO JACK ESPERAVA, E JACK SENTIU UM CALOR DIFERENTE TOMAR CONTA DELE.

as estruturas romanas duraram tanto tempo assim. E quanto à cerveja... o que tornou ela tão especial a ponto de ser servida em um casamento da realeza? O que isso nos diz sobre os recursos disponíveis? O que importava mais para eles? Pelo menos o lote de controle não foi afetado, é o líquido que está nos garrafões de vidro.” Ele abriu um sorriso irônico. “E sim, isso faz os estudantes prestarem uma atenção especial.”

Jack sorriu de volta. “Consigo entender o motivo.”

“Normalmente não deixamos eles testarem muito da cerveja.”

“Você não serviu isso no seu casamento?”

“Eu sou, hã... solteiro.” Vincent pegou um pedaço de vidro, torcendo o nariz para o cheiro. “Além disso, isso pode ser o que chamamos de um gosto adquirido.”

“Eu já cheirei piores”, disse Jack. “Mas nunca em um bar que eu voltei.”

Vincent riu, como Jack esperava, e Jack sentiu um calor diferente tomar conta dele. A simulação parecia muito distante e sem nenhuma importância.

“Esse foi o último”, disse Vincent. Se você me ajudar a colocar essas estantes no lugar, eu vou procurar um aspirador para limpar o chão.”

“Melhor arranjar um esfregão também”, disse Jack, e Vincent assentiu.

“Infelizmente.”

“Deixe eu te ajudar.”

“Eu sempre fico muito feliz quando alguém se oferece pra fazer o trabalho pesado por mim”, Vincent respondeu, e Jack sentiu seu próprio sorriso aumentar.

Jack levantou a estante, estabilizando a estrutura enquanto Vincent arrumava as prateleiras. Eles limparam o chão juntos, e Vincent cuidou da bagunça causada pelo extintor de incêndio. Jack olhou em volta e percebeu que um dos grandes recipientes de vidro estava começando a borbulhar de um jeito preocupante. “Isso era para acontecer?”

Vincent xingou baixinho e pegou o garrafão da estante para colocar na mesa do laboratório. Ele tentou mexer na tampa, mas ela estourou. Jack conseguiu colocar



a mão na frente do rosto de Vincent enquanto a cerveja explodia como um gêiser, mas a espuma voou e atingiu ambos. Eles se entreolharam e, incapazes de fazer algo, começaram a dar risada.

Com a ordem novamente restaurada, Vincent respirou fundo.

“Olha, depois de tudo que você fez, o mínimo que posso oferecer é um pouco da cerveja de casamento. Assim que ela estiver pronta.” O sorriso dele estava cheio de nervosismo e esperança. “Mas não precisa aceitar, se não quiser.”

Hora de aproveitar a chance, Jack pensou. “Seria um encontro?”

O sorriso de Vincent cresceu ainda mais. “Céus, eu espero que sim.”

O cargueiro fretado mudou a direção, preparando para a aproximação final. Jack avistou as montanhas que circundavam Runasapi se erguendo em direção ao céu claro. Ventos vindo das encostas são imprevisíveis, mas a piloto pousou o avião com precisão na pista. Jack, sentado na cadeira do copiloto, ouviu com atenção enquanto o controlador local conduzia a piloto em direção ao portão do hangar comercial. “Foi um bom voo.”

A piloto finalizou os procedimentos e tirou o headset. “Obrigada. Você tem cerca de vinte minutos antes que os carregadores cheguem aqui.”

Jack assentiu. Esse tempo deve ser suficiente para escapar pela cerca do perímetro e se esconder no mato. Ele desamarrou o cinto de segurança, se levantou e alongou. Depois pegou a mochila que havia guardado do lado de fora da cabine. “Notei que a carga está com etiquetas da Oásis. O que isso está fazendo aqui?”

A piloto deu de ombros. “Eu tenho transportado muitas dessas ultimamente. Ouvi que eles estão preparando laboratórios em Runasapi.”

Jack assentiu. Ele se perguntou se isso tinha algo a ver com o favor que ele estava fazendo para Sombra. Ele deu um tapinha no pen drive que estava guardado no bolso interno do casaco e se perguntou quem era o alvo dela. O Coletivo Científico da Oásis era um alvo bastante provável. Ele torceu para que a pessoa com quem ele iria encontrar tivesse as habilidades necessárias para a entrega.

A piloto esticou o braço até uma alavanca e a puxou com força. Um painel se abriu perto dos pés de Jack, revelando uma abertura para descida e um pouco da

pista abaixo do avião. Jack colocou a mão dentro da própria jaqueta, encontrou o pagamento, e entregou para a piloto. “Obrigado.”

A piloto guardou o pagamento no próprio bolso. “Você vai querer carona na volta? Saio amanhã de manhã, sete em ponto.”

“Talvez.” Jack colocou a mochila na abertura, deixou que ela caísse no chão e então se sentou na beirada do vão, tateando para procurar os apoios que permitiriam descer a maior parte do caminho. “Se eu não aparecer, não espere.”

“Entendido”, disse a piloto. “Boa sorte.”

“Obrigado”, Jack repetiu, e saltou para o chão. Ele caiu com facilidade na sombra do grande avião, pegou a mochila e olhou em volta. Não havia ninguém olhando. Ele foi até a cerca do perímetro, passou com facilidade pelo vão que alguém havia cortado no arame enferrujado e se escondeu na vegetação. Não houve nenhuma movimentação no aeródromo, e ele se esgueirou pelas árvores.

Ao meio-dia, ele chegou aos arredores de Runasapi, nos terraços mais baixos onde as plantações da cidade eram cultivadas. Acima, na encosta do penhasco, ele conseguia ver os edifícios da própria cidade, as pesadas muralhas inclinadas, homenageando as antigas cidades do Peru. Vincent havia falado sobre isso, como semelhanças deliberadas com arquitetura antiga deram peso às cidades do pós-guerra. Uma maneira de honrar o passado e moldar o futuro. Entretanto, esse não era o destino final dele.

Ela vai estar perto de onde o desastre aconteceu, Sombra mencionou. Não estou falando do memorial. Se você chegar perto do lugar, ela vai encontrar você, confia em mim.

Jack tinha memorizado o mapa que ela havia mostrado para ele e agora procurava por uma brecha no arbusto que acompanhava a estrada. E lá estava ela, uma abertura que à primeira vista parecia accidental, mas ao olhar com mais atenção, ela acompanhava um caminho que subia a encosta. Jack ergueu a mochila e seguiu a trilha.

O caminho ficou cada vez mais íngreme, e Jack teve que usar as mãos para se erguer nos piores trechos. Ele tinha pensado que seria um rastro de lhamas, mas mesmo um desses animais não conseguiria subir em alguns desses desníveis. E então a trilha chegou ao fim, alcançando um cume que revelou um pequeno vale. Em algum momento existiu um edifício no centro, mas o telhado já não existia mais

***ELA VAI ESTAR PERTO DE ONDE O DESASTRE ACONTECEU,
SOMBRA MENCIONOU. NÃO ESTOU FALANDO DO
MEMORIAL. SE VOCÊ CHEGAR PERTO DO LUGAR, ELA VAI
ENCONTRAR VOCÊ, CONFIA EM MIM.***

e as paredes eram apenas ruínas. No centro dele estava uma pirâmide de degraus com um topo plano e largo: o local do desastre.

Ele se abaixou atrás do cume e ativou o HUD, escaneando as ruínas para encontrar algum movimento. A brisa refrescava a pele dele, um alívio após o esforço da escalada, mas nada se movia no vale abaixo. Jack tirou a mochila e a escondeu na vegetação. Ele sacou o rifle de pulso e começou a descer a colina com cuidado.

Conforme se aproximava, ele precisava se mover com mais cautela, evitando grandes pedras que tinham sido arremessadas para longe da construção original. Seja o que for que aconteceu aqui, tinha um poder enorme, e só por um segundo os ouvidos dele zuniram com o eco da explosão em Zurique, no quartel-general da Overwatch. Provavelmente o que aconteceu aqui deve ter sido similar para ter causado tanta destruição.

Um aviso apareceu no visor, e ele percebeu bem a tempo de se esquivar de uma figura de capa que balançava um rifle dourado na direção dele. Ele esquivou, sacou a arma e a apontou, mas não disparou. “Eu vim a pedido da Sombra!”

A mulher com capa parou, e então baixou a arma dela. Ela era bem jovem, Jack notou, o cabelo dela tinha mechas douradas que combinavam com a armadura. “Você não é quem eu estava esperando.”

“A Sombra mandou um alô.” Jack aguardou pela senha, mas ela não abaixou a arma.

“Meu nome é Illari.”

“Então eu tenho algo pra você.”

Só então ela abaixou o rifle. “Venha comigo. Esse não é um bom lugar para conversar.”

Jack pegou a mochila e seguiu a jovem para longe das ruínas, em outro caminho íngreme e desafiador. A trilha seguia para a colina na direção oposta, e se abria para formar uma espécie de vale suspenso. Uma cabana em ruínas se inclinava em direção ao penhasco e, conforme se aproximaram, Jack percebeu que ela escondia a entrada para uma caverna.

“Aqui”, disse Illari. “Você pode falar agora. Oásis tem olhos por toda parte na cidade.”

Jack hesitou, mas a seguiu para o local. Era bem mais arrumado do que ele esperava, com monitores e processadores embutidos em uma parede, um espaço com cortinas que abrigava uma cama, cadeiras e uma mesa, tudo coberto por um tecido com padrões brilhantes.

Ela lançou um olhar para ele. “Você tem alguma coisa pra mim?”

“Na minha jaqueta.” Jack tocou o próprio peito. “Tudo bem se eu pegar?”

“Vá em frente.” Illari não apontou o rifle, mas também não o deixou de lado.

Jack abriu a jaqueta, colocou a mão lentamente no bolso interno e tirou o pen drive. “O vírus que você queria.”

Illari tirou o objeto das mãos dele. “Obrigada.”

Jack esperou, mas ela não ofereceu nada de volta. Sombra falou que ela tinha informação para trocar, só que a Sombra não tinha dito exatamente isso... Ela enrolou um pouco, e isso era bem típico da Sombra. Ele olhou com desconfiança, irritado por ter sido enganado, e pegou a mochila. “Se for só isso...”

Illari lançou um olhar penetrante para ele. “Eu queria... Eu *preciso* instalar isso no laboratório da Oásis, o que eles estão construindo aqui em Runasapi. Eu aceitaria uma ajuda para entrar lá.”

“Sombra não mencionou que isso era parte do trato”, disse Jack.

“Ela não me disse que Jack Morrison faria a entrega”, Illari respondeu. “Aprendemos sobre você na escola, ou pelo menos quem você *era*, antes deles dizerem que você tinha morrido. Soldado aprimorado, ex-comandante de ataque da Overwatch...”

“Isso já faz muito tempo...”

“Bom, mesmo assim você poderia aumentar as chances consideravelmente.”

Ela tinha razão: dois eram melhores do que um, principalmente se eles tivessem que se infiltrar na nova instalação da Oásis. Ela não parecia muito preparada.

“SOMBRA NÃO MENCIONOU QUE ISSO ERA PARTE DO TRATO”, DISSE JACK.

“ELA NÃO ME DISSE QUE JACK MORRISON FARIA A ENTREGA”, ILLARI RESPONDEU.

Sabendo vagamente a linha do tempo dos Guerreiros Inti, a jovem não poderia ter passado tanto tempo com eles antes da queda. E ele nunca tinha se arrependido de prejudicar qualquer organização que empregasse Moira O’Deorain.

Ele assentiu. “Tudo bem. Eu aceito.”

“Ótimo.” Illari colocou o rifle de lado. “Vou explicar o básico da operação.”

Era a primeira folga em semanas, mas Jack não sentiu que a merecia. Eles não derrotaram os ômnicos e mal conseguiram manter a posição. Por sorte, os ômnicos se retiraram sem forçar um avanço, sem dúvidas para dedicar recursos a outro alvo mais importante.

As luzes dos postes estavam funcionando, a energia elétrica foi reestabelecida, mas ele conseguia ver os buracos onde prédios haviam sido destruídos por ataques de mísseis ou os incêndios que seguiram. Ele sabia que Vincent estava bem, tinha falado com ele naquela manhã, mas, mesmo assim, ele prendeu a respiração antes de entrar no complexo de apartamentos. Todos os prédios estavam intactos, luz aparecendo através das janelas com cortinas: tudo ali, exatamente como ele deixou. Vincent tinha dito isso, mas Jack sabia que a guerra podia mudar tudo em um instante.

Ele entrou e subiu as escadas para o apartamento deles. Para a surpresa dele, um traço de luz brilhava sob a porta. Ele esperava que Vincent já estivesse dormindo

naquele momento, então bateu na porta levemente, não querendo acordá-lo caso ele tivesse caído no sono com as luzes acesas. Não houve resposta imediata, ele estava alcançando a chave quando a porta se abriu. Vincent deu um sorriso, mas ergueu o celular, indicando que estava ocupado. Jack obedeceu e não disse nada, fechando a porta enquanto observava os polegares de Vincent deslizando sobre as chaves. Assim que terminou, Vincent o abraçou, o beijando com intensidade, num impulso arrebatador.

“É bom estar em casa.”

“Eu vi as notícias esta manhã... Fiquei preocupado”, disse Vincent.

“Demos sorte”, disse Jack, e Vincent assentiu como se realmente acreditasse que a sorte de Jack nunca o abandonaria. “Não tinha certeza se você ainda estaria acordado.”

“Eu estava enviando uma cópia do meu artigo sobre o Castelo de Falkenburg para o Matthias.”

Jack não conseguiu evitar levantar uma sobrancelha, e Vincent sorriu.

“Eu sei, isso parece completamente sem sentido agora, mas, quando Beyazit e eu trabalhamos lá, há três anos, descobrimos que a rocha é composta por minerais que são praticamente imunes à maioria dos sensores. Incluindo os que os ômnicos usam. E Falkenburg tem porões bem profundos, cavados naquela rocha. É um lugar onde os civis podem se abrigar, onde os ômnicos não conseguem encontrá-los. Eu não podia falar isso diretamente, sabe... ninguém sabe o que os ômnicos estão interceptando. Mas o Matthias vai entender o que eu quis dizer.”

Jack assentiu. Essa era uma das razões pelas quais Jack amava Vincent: o homem se *importava*, e mesmo não sendo um soldado, fazia tudo o que podia para ajudar. “É uma boa ideia.”

“Espero que seja útil,” disse Vincent, balançando a cabeça. “Está com fome?”

Eles se sentaram à mesa dobrável na pequena cozinha para comer sanduíches, e Vincent trouxe suas últimas duas latas de cerveja. “Eu estava guardando elas.”

“Você está se virando bem?” Jack perguntou. Ele tinha ouvido falar sobre a falta de suprimentos; todo mundo na equipe estava falando sobre isso.

“Sim.” Vincent deu de ombros. “Uma coisa boa dessa área é que tem muita gente que planta ou cria galinhas no quintal. Vizinhos ajudando vizinhos, estamos nos virando bem.” Ele fez uma pausa. “Quanto tempo você tem?”

**NA MAIORIA DOS DIAS, NEM CONSEGUIMOS NOS
MANTER NO JOGO. ESSA É UMA CHANCE DE MUDAR
ISSO. TENHO ALGUÉM POR QUEM ESTOU LUTANDO.
SE EU PUDER FAZER MAIS PARA TORNAR O MUNDO
SEGURO PARA VOCÊ, EU TENHO QUE FAZER ISSO.
CUSTE O QUE CUSTAR.”**

“Quarenta e oito horas.”

“Bem.” Vincent forçou um sorriso. “Vou aproveitar o quanto eu puder.”

“Primeiro... precisamos conversar.”

Vincent levantou uma sobrancelha.

“Não é isso”, disse Jack imediatamente, fazendo Vincent sorrir surpreso. “É só que... você sabe que as coisas não estão indo tão bem quanto gostaríamos.”

“Parece que as coisas estão indo pro inferno”, disse Vincent, ficando sério de repente. “Não sou idiota, Jack. Eu sei o que está acontecendo.”

Jack assentiu. “Eles estão começando um programa para combater a vantagem dos ômnicos, usando biologia, não robótica. Modificações genéticas, para nos dar uma chance melhor contra eles. Um programa de aprimoramento. Disseram que sou um candidato.”

Vincent ficou em silêncio por um momento. “Quem são ‘eles’?”

“O exército, uma das cientistas deles. Acho que o nome dela é *Naughton*.”

“E quais são os riscos?”

“Desconhecidos.” Jack se forçou a encarar Vincent diretamente nos olhos. “Provavelmente são altos. Disseram que o programa está em desenvolvimento há anos, mas não é totalmente seguro. Estão acelerando por causa da Crise. Meu comandante não queria me liberar, disse que eu era muito valioso onde eu estava. Mas ele acabou cedendo, me fez a oferta, e... é uma chance que realmente pode fazer a diferença.”

“Se funcionar”, disse Vincent “E se der errado?”



“Desde deficiência permanente até a morte”, disse Jack. Pelo menos as pessoas por trás do Programa de Aprimoramento de Soldados haviam sido honestas sobre isso. “Mas não é como se eu estivesse seguro agora.”

“E eu não sei disso?” Vincent balançou a cabeça. “O que você quer que eu diga, Jack? Já estou arriscando te perder. O que você quer fazer?”

“Eu quero participar do programa”, disse Jack. “Olha, nós... não estamos vencendo. Na maioria dos dias, nem conseguimos nos manter no jogo. Essa é uma chance de mudar isso. Tenho alguém por quem estou lutando. Se eu puder fazer mais para tornar o mundo seguro para você, eu tenho que fazer isso. Custe o que custar.”

Vincent olhava para o horizonte, talvez para um futuro incerto ou um passado feliz. Ele deu um sorriso melancólico. “Bem, eu sabia no que estava me metendo quando comecei a me envolver com você. Você não seria *você* se não fizesse isso. Só... volte para mim.”

Eu vou, prometeu Jack silenciosamente. No entanto, não era uma promessa que Jack tivesse o direito de fazer. “Mesmo se eu mudar?”

“Todos nós mudamos”, disse Vincent. “Apenas volte.”

“Farei o meu melhor”, disse Jack.

Eles se acomodaram no sofá, com Vincent adormecendo no peito de Jack, e os dedos entrelaçados nos dele. Jack acariciou o cabelo escuro de Vincent, observando as explosões se espalharem à distância.

Illari se inclinou sobre um modelo holográfico que parecia flutuar acima da mesa, as cores refletiam no brilho colorido da toalha de mesa. “Esta é a instalação Oásis. Eles ocuparam um antigo prédio que fazia parte do Grupo de Pesquisa Paqarina e fizeram algumas melhorias.”

Jack assentiu, estudando o modelo. Os prédios eram sofisticados: nada além do melhor para O’Deorain e seus colegas.

“Pelo que eu observei, a segurança é bem rígida na área externa”, continuou Illari, “mas dentro dos laboratórios é mais tranquila. A porta principal e o cais de carregamento estão sob observação intensa, tanto ativa quanto passiva, mas há

portas laterais com trava codificada, reservadas para a equipe, que não têm tanta vigilância.”

Ela não parecia preocupada, “Imagino que Sombra tenha te fornecido algo para cuidar das trancas?”

“Não teve necessidade; eu já estava de olho no local.” Illari fez uma pausa. “Estou surpresa que você esteja trabalhando com a Sombra.”

“Ela não é leal a ninguém, além de si mesma. Contanto que você saiba que ela está jogando dos dois lados, pode ser útil.”

Illari inclinou a cabeça. “Você sabe o que ela me deu. O que... ela te deu?”

Jack olhou para a jovem. Ele não conseguia definir o que nela parecia familiar, o que o fazia sentir que poderia se abrir com ela.

“Ela me conseguiu informações que eu não conseguiria em nenhum outro lugar”, disse Jack.

“Mesmo assim...”

“Ela me deu a chave para descobrir o que realmente aconteceu com a Overwatch”, completou Jack. “Muita gente colocou a culpa pela destruição do quartel-general suíço em mim e no Reyes, mas tinha algo mais acontecendo.” Ele encarou os olhos de Illari. “Eu devo isso a todos, aos sobreviventes e aos que morreram, descobrir o que realmente aconteceu. Não posso parar até fazer justiça a eles.”

“Eu consigo...” Illari piscou, e uma tristeza antiga surgiu em seu rosto. “Eu consigo entender. Meu povo, os Filhos do Sol, os Guerreiros Inti, como vocês os chamam, eu também devo a eles.” Ela tocou a armadura, no local onde havia colocado o pen drive com dados. “Eles eram nossos protetores, nossos provedores, e a Oásis quer tomar o poder deles para si.”

“Eu pensei que tudo estivesse perdido quando os Guerreiros Inti foram destruídos”, disse Jack.

“Nossas instalações foram dizimadas, mas grande parte dos dados sobreviveu”, respondeu Illari. “Paqarina passou por momentos difíceis, se associou à Oásis, trocando os dados por recursos. Eles veem isso como uma forma de recuperar o que foi perdido, mas eu sei que não se pode confiar na Oásis.”

“Você estava lá naquele dia, não estava?” Jack reconheceu a mistura de culpa e tristeza dela, algo bem familiar para ele.

ELE OLHOU PARA ILLARI, PERDIDA NO PASSADO ASSIM COMO ELE. TINHA DADO SUA VIDA POR UMA CAUSA QUE NÃO EXISTIA MAIS, ASSIM COMO ELE.

Illari desviou o olhar. “Treinei a minha vida toda para me juntar a eles, desde o momento em que disseram que eu tinha potencial.”

“O que aconteceu?”

Ela colocou um dedo através de uma das paredes do holograma. “O *o quê*, é fácil.”

Jack esperou, e ela puxou a mão para longe.

“Foi um encadeamento solar, o último passo que transforma alguém em um Guerreiro Inti de verdade. É doloroso, *muda* você, mas permite canalizar o poder do sol. Só que nesse... houve uma explosão. Todos os Guerreiros Inti morreram. Menos eu.”

“E você quer saber o que deu errado”, disse Jack após um momento.

“É claro.”

Havia algo na voz dela que mudou a imagem na mente dele, criando uma nova visão. Não era da conta dele, nem seu problema, mas às vezes era melhor falar sobre isso do que deixar as lembranças ruins o consumirem. Embora ele não fosse exatamente o exemplo de alguém que soubesse lidar bem com as coisas. “Foi o *seu* encadeamento solar, não foi?”

Os olhos de Illari se fecharam por um momento, e ela balançou a cabeça com força, não em negação, mas como se tentasse afastar a dor. “Sim. Foi o meu. Foi... Estava feito, completo, perfeito. E então, a energia simplesmente explodiu de volta para fora de mim. Naquele instante, todos morreram. E ficou só... eu.” Ela se recompôs. “Revisei tudo o que sobrou e nada faz sentido. Mas sei que não posso deixar a Oásis roubar o que eles foram. O legado deles. Eu não vou deixar.”

Jack assentiu. No fundo de sua mente, ele conseguia ouvir Reyes gritando, e depois o choque da explosão, as paredes desabando com um estrondo tão forte que ele não conseguiu ouvir, tomado pela raiva. De repente, ele entendeu por que

Sombra o havia enviado até ali, e ela não estava errada. Existia semelhanças entre o que havia acontecido com a Overwatch e em Runasapi. As circunstâncias eram diferentes, mas uma organização dedicada a melhorar a humanidade, a proteger as pessoas, destruída em uma única explosão massiva... ele certamente iria querer investigar isso.

Ele olhou para Illari, perdida no passado assim como ele. Tinha dado sua vida por uma causa que não existia mais, assim como ele. Ele escolheu o Programa de Aprimoramento de Soldados não só por dever, mas porque acreditava que era a melhor maneira de proteger Vincent e todos os outros que amava. Naughton foi honesta sobre os riscos. Ele sabendo disso e, no final, teve sorte. Ele sobreviveu ao Programa, venceu a guerra e construiu a Overwatch em algo que realmente fez a diferença.

Até o instante em que tudo foi arrancado dele.

Ele sabia, de forma dolorosa e íntima, como era se entregar a algo, sacrificar tudo, só para ver tudo desmoronar diante dos seus olhos.

Ele assentiu novamente, forçando sua atenção de volta ao holograma. “Certo. Vamos repassar o plano.”

A neblina subia perto do rio enquanto eles saíam do parque e seguiam pela margem. Jack viu Vincent estremecer com a umidade e sentiu seu próprio corpo reagir, seu metabolismo se ajustando para que ele não sentisse o frio. “Foi um bom jantar”, disse ele, testando o clima, e Vincent esboçou um leve sorriso.

“Foi mesmo. É um lugar novo, abriu agora depois da guerra.” Vincent atravessou a rua rápido, com Jack logo atrás, e desaceleraram ao chegarem a uma plataforma que avançava sobre o rio. De maneira improvável, um obelisco egípcio se erguia sobre uma esfinge de bronze, que não era egípcia, seus contornos borrados pela neblina. Jack puxou o nome da memória.

“Agulha de Cleópatra.”

Vincent assentiu. “Meu tio me trouxe aqui quando eu tinha onze anos, quando o visitamos. Eu queria ver outra vez.”

“Parece um pouco danificada”, disse Jack, apontando os buracos de estilhaços

na esfinge mais próxima, e Vincent riu.

“Não recentemente, pelo menos não aquela ali. Aquilo foi feito na Primeira Guerra Mundial.” Vincent fez uma careta enquanto caminhavam ao redor da primeira esfinge e chegaram perto do obelisco. “Mas aquela outra, sim.”

“É.” Jack viu o pedestal vazio onde a segunda esfinge estava, com a pedra queimada e marcada. De lá, surgiu um holograma que recriava a primeira esfinge, com o rosto brilhante e sereno, sem nenhum dano. Uma maravilha da nova tecnologia, que ao menos restaurava a imagem do que tinha sido perdido.

“Precisamos conversar”, disse Vincent.

Jack estremeceu. Ele já esperava por isso desde que tinha chegado a Londres. Ele e Vincent tentavam encontrar uma maneira de viver juntos, mas com a Overwatch sediada em Zurique e a carreira acadêmica de Vincent nos Estados Unidos, isso era quase impossível. “Fale.”

“Eu quero você em *casa*”, disse Vincent. “Para ficarmos juntos, começar uma família.”

“Eu sei.”

“Eu *sei* que você sabe, mas eu fico dizendo isso e nada muda.” Vincent encarou o rio, com uma expressão indecifrável.

“Eles me nomearam comandante de ataque”, disse Jack. “Mas isso não significa que eles vão transferir a Overwatch por minha causa. Tem programas americanos por toda a Europa, até universidades. Que tal tentar um emprego em algum deles?”

Vincent suspirou. “Eu provavelmente conseguiria. Já pensei sobre isso, até perguntei por aí. Mas se eu fizesse isso... o que mudaria, Jack?”

“Estariamos no mesmo continente?”

Não era uma boa piada, mas Vincent sorriu mesmo assim.

“Tudo bem, o fuso horário seria mais fácil. Mas você ainda estaria em Zurique, e eu estaria em outro lugar. Eu te veria quando a Overwatch não precisasse de você. E eu tenho pensado muito, Jack. Eu quero ter filhos. Eu quero um parceiro que esteja lá para criá-los, alguém que seja tão comprometido com a nossa família quanto com o trabalho. Então, eu te pergunto... Você já considerou se aposentar?”

Jack piscou. “Eu não posso.”

“A guerra acabou”, disse Vincent. “Você fez tudo o que pediram, deu tudo de si e muito mais. Você fez a Overwatch ser o que é. Você tem boas pessoas ao seu

lado, as melhores, você sempre me diz. Você poderia deixar tudo isso para trás.”

“Eu *não posso*”, disse Jack outra vez. “Olha, eu quero isso tanto quanto você. Eu quero uma família, *nossa* família, nós, só que não...”

Ele parou, e Vincent concluiu. “*Só que não agora*. Certo. Eu posso esperar, e eu confio em você. Se não agora, quando?”

Jack ficou em silêncio, o frio do rio penetrava sua jaqueta, passando pelas solas dos seus sapatos. Ele não tinha uma resposta, e isso era injusto, errado, e ainda assim a única verdade que ele conhecia.

“A guerra acabou”, Vincent repetiu. “Nós vencemos. Quando *you* vai para casa? Quando *you* vai ter um futuro?”

“A guerra não acabou”, disse Jack. “Eu queria que tivesse acabado, mas tem tantos oportunistas surgindo onde as comunidades, os *países*, foram mais afetados.”

“Tudo bem, eu aceito isso,” disse Vincent. “Mas quando *isso* acabar, Jack, o que *you* vai fazer?”

Jack olhou para o rio, onde uma barça avançava lentamente, suas luzes borradas pela neblina. *Ter uma casa e um jardim*, ele queria dizer. *Você*. Filhos. Churrascos no quintal. Chinelos com meias. Férias em família em parques temáticos caros. Paz. Mas ele não conseguia tornar aquelas imagens reais, e isso significava que não podia dizer as palavras. “É estranho um historiador estar tão focado no futuro.”

Vincent riu. “História é sobre mudança. A única coisa que eu sei com certeza é que o que está por vir não vai ser igual ao que temos agora.”

“E se você não gostar das mudanças?” Jack se lembrou de ter feito essa pergunta antes, quando entrou para o Programa de Aprimoramento de Soldados, e fez uma careta ao relembrar o momento. Aquilo também não tinha sido uma escolha fácil, mas, no final, tinha valido a pena.

Ou não?

“Eu te amava antes do Programa de Aprimoramento de Soldados”, disse Vincent. “Antes da Overwatch, antes da Crise, desde o dia em que você veio me salvar quando eu explodi aquela porcaria de cerveja. E eu te amo agora.”

“Mas.”

“Mas.” Vincent assentiu. “Eu preciso saber se temos um futuro. Temos?”

As palavras ficaram presas na garganta de Jack. Ele queria dizer que sim,

“SE UM DIA VOCÊ DESCOBRIR QUEM É, DEPOIS QUE A SUA GUERRA ACABAR... ME LIGA. QUERO CONHECER ESSE CARA”, DISSE VINCENT, E SE VIROU PARA IR EMBORA.

prometer tudo o que Vincent queria, porque Jack também queria aquilo. Tinha que haver um jeito. Outras pessoas conseguiram, mesmo dentro da Overwatch. Mas ele não. Ele tinha... *responsabilidades* que os outros ao seu redor não tinham. Jack sentiu cada fracasso e lamentou cada perda. Ele tomava as decisões que mantinham o mundo seguro. E a Overwatch ainda era nova, frágil; sem ele comandando, criminosos seriam soltos, vidas seriam perdidas. O custo era alto. Mesmo se não estivessem juntos, Jack respiraria mais aliviado sabendo que havia feito tudo o que podia para criar um mundo onde Vincent estivesse seguro.

Jack fechou os olhos, não querendo ver a tristeza no rosto de Vincent. “Eu quero”, disse ele por fim. “Eu quero muito. Mas não posso prometer. E não vou mentir para você.”

Vincent fez um som que misturava risos e lágrimas. “Não. Você nunca mentiria. E essa é uma das muitas razões pelas quais eu te amo. E ainda assim...”

Jack fez força para encarar os olhos de Vincent. “Sinto muito. Eu queria...”, ele hesitou, sem saber o que dizer, o que desejava, além de que isso não estivesse acontecendo, Vincent assentiu.

“Eu também.”

“É melhor do que gritarmos um com o outro”, Jack tentou descontraír.

“Isso nunca fez o nosso tipo”, respondeu Vincent. Ele estendeu a mão, e Jack se deixou envolver pelo abraço oferecido. Os lábios de Vincent tinham o gosto da neblina que aumentava ao redor deles. Jack fechou os olhos, como se pudesse fazer aquele momento durar para sempre. Viver naquele beijo e nunca enfrentar o que viria depois.

Então Vincent se afastou, e Jack o deixou ir.

“Se um dia você descobrir quem é, depois que a sua guerra acabar... me liga.

Quero conhecer esse cara”, disse Vincent, e se virou para ir embora.

Jack o observou desaparecer na neblina, então pegou o celular. Sete chamadas perdidas, todas da Overwatch. Ele achava que estava fazendo o que era certo para o mundo.

Pena que se sentia tão vazio.

Jack seguiu Illari por mais uma das estreitas trilhas da montanha, com o visor ativado para visão noturna. A lua em forma de foice estava se pondo: uma ótima noite para se infiltrar no complexo da Oásis. Exceto pelo fato de que a Oásis teria os melhores sensores disponíveis... ou iluminaria o lugar como um centro da cidade... ou ambos. O plano de Illari era criar uma distração que atraísse a atenção dos guardas do perímetro e permitisse que ela abrisse as portas com trava codificada destinadas à equipe. O simples geralmente era o melhor, mas nada nunca era simples quando se tratava da Oásis.

Illari levantou a mão em sinal de alerta e se agachou na entrada da trilha. Jack se ajoelhou ao lado dela, espiando pelos arbustos ralos em direção ao complexo abaixo. A Oásis havia limpo o terreno entre os prédios e a cerca do perímetro, posicionando pequenos postos de guarda em intervalos regulares. Havia quatro guardas à vista e, quando Jack ajustou seu HUD, conseguiu identificar mais três ao longo da linha da cerca. “Segurança pesada.”

“Não tinha tantos antes,” murmurou Illari.

Jack estudou os guardas, os observando andar de um lado para o outro sob as torres. Haveria armas automáticas nas torres, talvez explosivos de curto alcance, e o destacamento limitado de guardas da Oásis provavelmente não teria muitos escrúpulos em usá-los. Ele conseguia ver uma leve depressão no terreno, um pouco antes do meio do caminho entre duas torres de guarda: Illari estava certa, aquele era o melhor lugar para invadir. Além da cerca, os prédios do complexo estavam relativamente na sombra; chegar até as portas do laboratório seria fácil. O portão principal estava fora de vista ao norte, onde a cerca se curvava para a esquerda ao redor de outro prédio maior; o portão dos fundos, por onde os equipamentos pesados eram levados diretamente para os laboratórios, estava fora de vista ao sul.

Se conseguissem atrair atenção para os portões, fazer parecer que alguém estava tentando invadir os dois pontos de entrada, isso poderia ser o suficiente para tirar os guardas de posição. Deixar a aproximação deles desprotegida. “E os sensores?”

“Não estão em uso,” respondeu Illari. “Muita vida selvagem por perto... alarmes falsos demais.” Ela deu um sorriso torto. “Alguns deles, talvez eu tenha provocado.”

Isso ajudava. Jack tirou de sua mochila dois dispositivos do tamanho de um punho. Seu rifle de pulso não era a única coisa que ele havia roubado da base do Observatório: Grand Mesa, anos atrás. Ele entregou um dos dispositivos para Illari, que o examinou com desconfiança.

“Granada?”

Jack balançou a cabeça. “Chocalho. A Overwatch usava isso para atrair fogo inimigo.” Ele mostrou os controles. “Gera o som de tiros. Deve convencer os guardas de que há pessoas se movendo nas encostas acima dos dois portões. Vai distraí-los tempo suficiente para entrarmos.”

Illari estudou o dispositivo pensativa, então assentiu com a cabeça. “Entendido.” Ela pegou o chocalho e desapareceu nas sombras.

Jack voltou pelo caminho por onde vieram, encontrou uma trilha de caça e a seguiu ao longo do cume, se mantendo abaixado. Quando parou para verificar seu progresso, viu os guardas se movendo mecanicamente em suas rotas de patrulha. Com sorte, sua distração os tiraria daquela complacência.

O terreno era mais inclinado do lado oposto ao portão principal, com a estrada de acesso subindo pelo leste através de uma abertura entre as colinas. Jack localizou um ponto na metade da encosta para posicionar um chocalho, depois se afastou. Encontrou uma boa cobertura um pouco mais adiante e juntou um punhado de pedras. Lançou uma delas encosta abaixo, ouvindo o som abafado entre os arbustos, e viu um dos guardas do portão erguer a cabeça. Jogou mais duas pedras à direita da primeira, e dois outros guardas pararam para conversar. Jogou mais uma pedra, não tão longe quanto as outras, e viu um dos homens chamar um guarda mais adiante. Outro homem sacou uma lanterna e deixou o feixe de luz percorrer a encosta.

O chocalho disparou, com uma explosão repentina de ruído que rapidamente cresceu em volume, misturada a breves flashes de luz. Os guardas do portão

**POR UM MOMENTO, O CABELO DELA FICOU
COMPLETAMENTE DOURADO, BRILHANDO
COMO O SOL. UMA FAÍSCA SALTOU DE
SEUS DEDOS, E AS LUZES DO PERÍMETRO SE
APAGARAM.**

gritaram, reforços saíram correndo do complexo em direção ao portão, e Jack recuou. Um tronco de árvore caído bloqueava seu caminho, e ele o empurrou, fazendo-o despencar pela encosta. Os guardas gritaram em resposta, e Jack subiu rapidamente de volta a colina.

Illari estava por perto, logo à frente dele, agachada entre os arbustos, observando o ponto de entrada que haviam escolhido. Ela apontou para os guardas no lado sul da cerca. “Nem todos saíram.”

Jack assentiu. “Espera...” O chocalho de Illari disparou enquanto ele falava, e os guardas do perímetro se viraram em direção ao som. Ele ouviu gritos vindos do portão dos fundos, e dois dos guardas saíram correndo. O terceiro hesitou, depois os seguiu. “Agora.”

Illari alcançou a cerca, e Jack se lançou no buraco atrás dela, pronto para dar cobertura. Ele esperou enquanto ela cortava um fio, depois franziu a testa para as pontas rompidas, concentrando-se. Por um momento, o cabelo dela ficou completamente dourado, brilhando como o sol. Uma faísca saltou de seus dedos, e as luzes do perímetro se apagaram.

“Belo trabalho,” disse Jack, seguindo Illari pela abertura.

Eles se esconderam nas sombras do prédio do laboratório, o painel de acesso brilhando fracamente ao lado da entrada. Illari pendurou o rifle no ombro e digitou um código. Jack ouviu um clique leve, e a porta cedeu, se abrindo lentamente.

“Entramos.”

Os corredores estavam escuros e vazios: As informações de Illari estavam precisas até ali. Jack conferiu a porta para ter certeza de que havia se trancado

após passar por ela, e Illari apontou para o corredor à direita. “Por aqui.”

Jack a seguiu, atento a qualquer guarda inesperado ou técnico trabalhando até tarde. Até o momento, tudo estava vazio, os laboratórios e escritórios fechados e desertos. Ele arriscou uma pergunta. “Você sabe onde fica o servidor central?”

Por um instante, Illari pareceu não ouvir, depois ele a ouviu prender a respiração, trêmula. “Por aqui. Eu acho.”

Você devia ter certeza. Jack engoliu o que ia dizer, sabendo que suas palavras não ajudariam em nada. “Mais para o centro?”

“Provavelmente.” Eles chegaram a um corredor transversal, e Illari parou, examinando a junção.

Cuidado, pensou Jack, então viu os olhos dela se fecharem por um momento. Ela se recompôs e virou à esquerda. Jack a seguiu.

Esse corredor tinha mais laboratórios, maiores, com janelas estreitas que davam vislumbres de máquinas enormes; plantas estranhas e superdesenvolvidas; répteis de uma espécie que ele não reconhecia: A Oásis estava muito bem estabelecido ali. Illari parou diante de uma porta mais pesada, sem janelas, e examinou o teclado.

“É aqui?” Jack perguntou, e ela assentiu.

“Tenho um código.” Ela digitou enquanto falava, os dedos se movendo rápidos sobre as teclas, mas uma luz vermelha acendeu. “Maldición!”

Ela lançou um olhar furioso para a porta, uma das mãos indo em direção ao rifle. Ela queria explodir a porta, Jack percebeu. Isso seria um desastre, chamaria a atenção que haviam evitado até então, mas antes que ele pudesse dizer algo, ela se controlou e tentou o teclado novamente. Dessa vez, a porta se abriu.

Jack se encostou na parede logo após passar pela porta, examinando o ambiente. Illari corria de estação em estação, tocando as teclas para despertar os terminais apenas o tempo suficiente para verificar seu funcionamento, depois seguia para o próximo. Então, por fim, ela fez um som baixo e parou. “Está aqui.”

Jack lançou um último olhar pelo corredor e se aproximou, desconfiado do tom exaltado em sua voz. Enquanto observava, ela pressionava mais teclas, abrindo tela após tela, até finalmente se fixar em uma que exibia o que parecia ser uma lista de arquivos. “É isso”, ela disse suavemente. “Foi tudo.”

“Tem certeza?” Jack encarou a tela. Havia dezenas de registros, e estavam claramente apenas na camada superior da estrutura de arquivos: A Oásis havia

AS MÃOS DE ILLARI SE FECHARAM DE FORMA INVOLUNTÁRIA, OS NÓS DOS DEDOS FICANDO ESBRANQUIÇADOS, E O MAXILAR DELA SE CONTRAIU. JACK CONHECIA AQUELE OLHAR, AQUELE PESO DA RESPONSABILIDADE, A CONSCIÊNCIA DE QUE O PODER DOS GUERREIROS INTI ERA GRANDE DEMAIS PARA SER ENTREGUE A QUALQUER OUTRA PESSOA. ELA SOZINHA DEVIA PROTEGÊ-LO, E PARA PROTEGÊ-LO, PRECISAVA DESTRUÍ-LO.

conseguido recuperar mais dados dos Guerreiros Inti do que ele imaginava.

“Sim”. Havia um tremor na voz de Illari. “Sim, é isso. Tudo o que restou.” Jack a olhou com cautela, mas ela já estava alcançando dentro de sua armadura o pen drive que Sombra havia fornecido. Ela o encaixou no lugar, digitou uma sequência de letras e deu meio passo para trás quando a tela começou a se encher de símbolos.

“Algum problema?” Jack perguntou, mas ela balançou a cabeça.

“Está carregando.”

Sombra era boa, Jack disse a si mesmo. Sombra era realmente boa, e... sim, lá estava. A tela voltou para a listagem de arquivos e, enquanto ele observava, os arquivos começaram a desaparecer, sumindo e levando consigo o conhecimento dos Guerreiros Inti.

As mãos de Illari se fecharam de forma involuntária, os nós dos dedos ficando esbranquiçados, e o maxilar dela se contraiu. Jack conhecia aquele olhar, aquele peso da responsabilidade, a consciência de que o poder dos Guerreiros Inti era grande demais para ser entregue a qualquer outra pessoa. Ela sozinha devia protegê-lo, e para protegê-lo, precisava destruí-lo. Ele sentia isso com frequência naquela estrada solitária, carregando o legado da Overwatch, mesmo depois de sua queda e do mundo enterrar sua memória em um túmulo vazio.

O último arquivo desapareceu, e ele viu duas lágrimas escorrendo pelas bochechas de Illari. Então ela se recompôs e se inclinou sobre o terminal, verificando se os arquivos haviam sido completamente destruídos.

Agora ela era verdadeiramente a última Filha do Sol.

Ele odiava ter que tirá-la daquele momento, sabia o que aquilo devia significar para ela. Jack olhou para a porta, avaliando quanto tempo restava antes que os guardas percebessem que haviam sido enganados, e viu Illari assentir. “Pronto.”

“Então vamos.”

Eles refizeram o caminho pelo prédio, depois pararam à porta enquanto Jack examinava a área aberta à frente. As luzes do perímetro ainda estavam apagadas, e não havia sinal de movimento ao longo da cerca. “Vai!”

Illari correu para a abertura, e ele se encostou na lateral do prédio, pronto para dar cobertura. Ele a viu se esgueirando pela cerca e depois desaparecer na vegetação. Um momento depois, ela surgiu, rifle em punho, e Jack correu atrás dela. Demorou um pouco mais para ele passar pela brecha, mas conseguiu. Subiu a encosta de um salto, entrando na mata ao lado dela. Um segundo depois, as luzes de emergência do perímetro piscaram: haviam saído a tempo.

“Tudo limpo”, disse Illari, com a voz cheia de orgulho e tristeza.

Eles retornaram ao esconderijo de Illari sem incidentes. Jack desabou em uma cadeira, puxando sua mochila para verificar e repor seu equipamento. Illari voltou sua atenção para as telas, depois se virou, estendendo um pen drive com dados. “Aqui.” Jack piscou uma vez, surpreso, e Illari acrescentou: “Leituras de energia, gravações do meu encadeamento solar. Eu não... sei se tem relação com o que aconteceu com a Overwatch. Mas se isso ajudar na sua missão, posso retribuir por você ter me ajudado.”

Jack aceitou o pen drive. Sabia o que aquilo significava... confiar algo tão pessoal a ele. A esperança que aquilo representava, não só para ele, mas para ela também. “Vou te avisar assim que eu analisar os dados.” Guardou o pen drive na mochila, a levantou um pouco para garantir que estava bem equilibrada. Ele tinha que partir antes que a segurança da Oásis resolvesse investigar mais a fundo na cidade, precisava voltar ao aeroporto a tempo de pegar sua carona para sair dali. E ainda assim... Sentia uma conexão com Illari, uma responsabilidade por sua segurança, algo que não sentia fazia muito tempo. “A Oásis vai começar a te procurar.”

“Já cuidei disso.” Illari não desviou os olhos da tela. “Eles não vão me associar àquele ataque.”

ELE FEZ SUA ESCOLHA, E NÃO TINHA COMO VOLTAR ATRÁS. TALVEZ FOSSE HORA DE, FINALMENTE, DEIXAR ISSO PARA TRÁS. DE ESCOLHER ALGO NOVO.

“Não duvido”, disse Jack. “Mas assim que perceberem o que foi levado, vão saber que alguém está tentando proteger os segredos dos Guerreiros Inti e isso vai levá-los direto até você. Moira O’Deorain é inteligente e perigosa. Você precisa tomar cuidado com ela.”

Illari se afastou do terminal. “Sombra também é inteligente e perigosa.”

“Você devia tomar cuidado com ela também”, disse Jack. “Mesmo que ela seja útil. Mas O’Deorain é implacável... Ela tem ligações com outras organizações, recursos que você nem consegue imaginar.” Ele achou que Illari fosse protestar, mas em vez disso ela deu um sorriso torto e assentiu. Pelo menos ela estava ouvindo.

Ele respirou fundo e decidiu arriscar dizer o que vinha pensando. “Sabe... você não precisa ficar aqui, em Runasapi, vigiando os túmulos dos seus amigos, pensando na vida que poderia ter tido. Você poderia fazer outra escolha. Conheço algumas pessoas que poderiam ajudar...”

“Escuta. Eu entendo o que você está tentando fazer, mas eu sei me cuidar. Essa é minha responsabilidade.”

Jack fez uma careta. Ela era tão parecida com ele e, ainda assim, ele podia ouvir a voz de Vincent na dela. O acusando por não ter feito uma escolha melhor.

Apesar de tudo, sua voz saiu cansada e triste. “Há muito tempo, alguém me disse que todas as guerras acabam. Que *minha* guerra acabaria. Ele disse que eu precisava garantir que teria algo me esperando quando isso acontecesse. Eu nunca tive isso, nunca fiz esses planos e, por isso, minha guerra continua. Estou perto do fim de uma longa estrada agora, e queria ter feito uma escolha diferente.”

O cabelo de Illari brilhou dourado. “Isso, proteger o legado dos Filhos do Sol, ainda não acabou! Não é tão simples assim. Eu esperaria que você, mais do que ninguém, entendesse isso.”

Ela fez uma pausa e desviou o olhar, depois balançou a cabeça devagar,

parecendo se recompor. “E-Eu não sei quando essa missão vai acabar, mas vou saber quando chegar o momento. Esse é meu caminho, e eu não sou vítima das minhas escolhas. Vou trilhar essa jornada com orgulho.”

“Boa sorte, então,” disse Jack, e recebeu um aceno solene que dizia que ela sabia que ele falava sério.

Ele ergueu a mochila nos ombros e começou a longa caminhada para longe de Runasapi.

Vincent teria gostado dela, pensou. Talvez tivessem discutido, mas teriam compreendido a paixão um do outro. E nenhum dos dois teria se arrependido. Jack tinha tantos arrependimentos, tantas escolhas que gostaria de nunca ter feito, tantas coisas às quais olhava para trás desejando desfazer. *E talvez esse seja o problema.*

O pensamento foi inesperado o suficiente para fazê-lo parar de repente, meio na sombra, meio ao sol, o canto de pássaros desconhecidos preenchendo o ar da manhã. Talvez esse fosse o motivo de ele se sentir tão preso desde a queda da Overwatch. Talvez esse fosse o motivo de estar tão obcecado com salvar o mundo depois da Crise. Havia tantas escolhas que ele não tinha feito, tantas coisas que quis e não se permitiu ter.

Fechou os olhos, imaginando a vida que não escolheu. Nesse mundo, ele e Vincent teriam se casado, criado filhos juntos... ele sempre imaginou que levariam as crianças para a Europa durante o verão, enquanto Vincent fazia sua pesquisa e Jack pegava uns trabalhos de consultoria, Roma e Viena, Birka e Falkenberg, museus e campos abertos, enquanto outra pessoa salvava o mundo. Mas o tempo para isso já tinha passado. Ele fez sua escolha, e não tinha como voltar atrás. Talvez fosse hora de, finalmente, deixar isso para trás. De escolher algo novo.

Chegou ao topo da colina com vista para Runasapi, as torres retangulares erguendo-se contra a luz do sol. A brisa havia ficado mais fresca, trazendo o cheiro verde e intenso da floresta atrás dele. Ele levou a mão até o interior da jaqueta, vasculhando até encontrar o bolso mais interno. Seus dedos tocaram a borda desgastada da fotografia, e ele a puxou, observando a imagem familiar: ele e Vincent, com os braços nos ombros um do outro, sorrindo para a câmera. Tinha sido tirada antes da Crise, quando tudo ainda era possível. A foto tremulou, pega pelo vento, e ele apertou com mais força. Carregava aquela imagem há tanto

tempo, o último pedaço do que eles tiveram, a lembrança do porquê lutava. Ele podia guardá-la por mais um tempo. Certamente não havia mal nisso. Exceto que... aquilo já nem era uma memória, apenas o fantasma do que poderia ter sido. O vento soprou com mais força, e ele a deixou ir. O sorriso de Vincent foi a última coisa que viu enquanto a fotografia subia, levada pela luz do sol.

Jack sorriu de volta e se virou.

Querido Vincent,

Faz tempo que eu queria te escrever, para te contar que sobrevivi a Zurique. Uma parte de mim acha que você não vai se surpreender, afinal, você conhecia a minha sorte.

Ainda penso na nossa última conversa em Londres. Não sei se eu poderia ter sido o que você precisava. Aquele homem achava que precisava salvar o mundo por você. Na verdade, ele precisava olhar para um futuro que nem conseguia imaginar. Precisava conhecer o próprio passado para poder crescer além dele. Desde então, aprendi que todas as guerras acabam, e começo a pensar que talvez eu queira ver o que vem depois.

Não espere me ver na sua porta. Eu sei que você encontrou o amor que merecia, e fico feliz por isso. Só queria que soubesse que eu não estou morto, que sou grato por tudo que compartilhamos, e que (essa não é a primeira vez) você estava certo.

Jack



SOBRE A AUTORA

Melissa Scott nasceu e foi criada em Little Rock, Arkansas, estudou História em Harvard e concluiu o doutorado na Universidade Brandeis. Publicou mais de quarenta romances originais e de franquias, além de alguns contos, a maioria com temas e personagens LGBTQIA+, tendo vencido quatro prêmios Lambda Literary e quatro Spectrum Awards.